

PAISAGEM E SOCIEDADE EM UM TERRITÓRIO-OÁSIS NOS DOMÍNIOS ÁRIDOS DO NOROESTE ARGENTINO: A BACIA DO RIO SANTA MARIA/YOCAVIL, TUCUMÁN

La cuenca del río Santa María/Yocavil en la provincia de Tucumán: sociedad y producción en el siglo XXI. Ana Isabel Rivas (coord.); Pedro Raúl Valdez *et al.* 1ª edición especial, Lules: Ana Isabel Rivas; San Miguel de Tucumán: Instituto de Estudios Geográficos “Dr. Guillermo Röhmeder”, 2021.

Nesta obra coletiva e muito representativa da Geografia produzida desde o Noroeste da Argentina, reúnem-se as contribuições de estudiosos e estudiosas de diversos órgãos, colocados em diálogo por intermédio do GERTUC – Grupo de Estudos Rurais de Tucumán, situado no Instituto de Estudios Geográficos “Dr. Guillermo Röhmeder” da Universidade Nacional de Tucumán. O interesse comum do grupo recai sobre o espaço rural, com os problemas contemporâneos do desenvolvimento territorial, as lutas das comunidades originárias e indígenas locais por direitos e as particularidades do meio ambiente nos chamados vales de altitude.

Em sua maioria geógrafos (dos quais gostaria de destacar a competente e agregadora profa. Ana Isabel Rivas, que coordena a publicação), os autores buscam proximidade com as Ciências Sociais ao tomar como espaço de referência o oeste tucumano, lançando foco no vale do rio Santa Maria/Yocavil. Com 149 páginas, seis capítulos, prólogo e apresentação, os estudiosos abordam desde aspectos da geografia física até particularidades socioculturais dessa porção do território argentino. Partem do pressuposto de que o recorte se configura enquanto um *oásis fluvial*, donde a pergunta

unificadora da obra: quais seriam os atributos geográficos do vale do Santa Maria/Yocavil que mais influenciariam a configuração territorial e paisagística daquelas sociedades, produzindo articulações singulares com o seu entorno?

Já no prólogo (p. 8), o professor Juan J. N. Rivas atesta a metáfora que move todo o trabalho: a modificação daquele ambiente originou uma paisagem única, de oásis, que perdurou como resultado da relação entre os habitantes e o entorno. Todavia, não se trata apenas de considerar que o homem modela a terra, mas que esta é “fonte” de cultura, tradição e vida. Em acréscimo, o próprio vocábulo autóctone *Yocavil* significaria *lugar cuja forma de vida é conduzida pela circunvizinhança montanhosa*. Neste sentido, ao estudar comunidades autóctones em uma paisagem de vale na montanha, podemos situar o livro navegando nas mesmas “águas” da Geografia Cultural.

O **capítulo 1** (O Vale do Rio Santa Maria/Yocavil em território tucumano: características de seu ambiente natural) representa a moldura dos aspectos físicos, como sói acontecer com os trabalhos geográficos e geomorfológicos. Ana I. Rivas, Pedro R. Valdez e Augusto Gutiérrez descrevem os aspectos marcantes do sistema montanhoso ocidental tucumano, conjunto de extensas montanhas que se prolongam no sentido norte/sul, donde se encontram vales profundos com típicas “quebradas” (gargantas), constituindo paisagens de caráter particular. O capítulo culmina com uma análise fitogeográfica do vale do rio Santa Maria/Yocavil (p. 19-22), demonstrando que, do ponto de vista natural, seu fundo apresenta características de uma ecorregião à parte, em estreita dependência dos componentes hidrográficos, pedológicos, condições climáticas e *geoformas* em interação. Destaque para as belas fotografias autorais e a composição dos mapas.

No **capítulo 2** (Território e identidade indígena no vale do rio Santa Maria/Yocavil) Olga L. Sulca e Ana T. Cusa delineiam uma etnografia compartilhada e histórica dos povos de Amaicha del Valle, Colalao del Valle e Quilmes, todos de ancestralidade *diaguitas-calchaquíes*. Numa perspectiva intercultural, partindo do princípio andino da *Pachamama*¹ – que permite entender como grupos humanos se relacionam com a natureza – as autoras ensejaram a convergência de interesses e a troca de conhecimento entre sujeitos e pesquisadores indígenas, de modo a estabelecer diálogos permanentes, que privilegiaram “a diversidade dos modos indígenas de análise e suas próprias epistemologias” (p. 24). Sem embargo, o texto estabelece períodos historiográficos precisos a partir de

¹ Entidade sagrada máxima dos povos indígenas dos Andes centrais, relacionada ao tempo e ao espaço, bem como com a terra e a fertilidade.

levantamentos arqueológicos e documentais (traçando momentos-chaves da história do vale), cuja investigação revela a face brutal da invasão, conquista e colonização europeia. A perspectiva histórica embasa a análise de terras e territórios atuais, culminando com a resiliência de métodos ancestrais de tecelagem, sobretudo saberes femininos. Trechos de entrevistas com as tecelãs tradicionais (p. 34-36) são o ponto alto desta “etno-geografia”, chegando à conclusão de que os direitos dos povos originários abrangem não apenas aspectos relacionados ao espaço físico, mas também aqueles de natureza política, simbólica e cultural.

Em “Mapeamento social coletivo como ferramenta metodológica para atualização cartográfica local no vale do rio Santa Maria/Yocavil” (**capítulo 3**) as autoras Paola V. Herrera, Ana I. Rivas, Ana G. Aguilar e Adriana del Valle Rodríguez aproximam-se de uma Cartografia Social crítica para compreender, a partir dos mapas mentais dos sujeitos pesquisados, a organização do território e a produção vitivinícola do vale em seu trecho tucumano. Unindo pesquisa básica e aplicada numa *démarche* hermenêutica, as cientistas logram incluir nos mapeamentos aqueles fatores subjetivos modelados pela cultura (experiências pessoais, desejos, valores etc.) que intervêm nas representações cartográficas próprias dos *comuneros* e *comuneras* (p. 45). Assim, os lugares de enunciação dos mapas foram regidos pela vivência dos habitantes do vale, de modo a desafiar narrativas hegemônicas sobre aspectos e problemas do território. A partir de uma experiência de oficina com mapeamento social coletivo apresentada de forma minuciosa e ricamente ilustrada (p. 49-65), com destaque para as fotografias de Paola Herrera e a reprodução dos mapas obtidos em estratégia participativa, as autoras confirmam de forma dialógica a dinâmica territorial de oásis que domina o vale do Santa Maria/Yocavil. Com respeito aos sujeitos cartografantes de Amaicha del Valle, por exemplo, o material produzido e os depoimentos deixam claro que a vida comunitária e produtiva da localidade gira em torno da água, recurso de vital importância que condiciona e rege a agricultura vitivinícola de pequena escala e a produção artesanal ou industrial de vinhos (p. 60). A marcada sazonalidade climática e as restrições hídricas inibem tanto a expansão dos cultivos, quanto sua produtividade, apesar de outros fatores como infraestruturas, políticas públicas, incentivo ao enoturismo etc. concorrerem, na visão de outros sujeitos sociais locais (como os de Colalao del Valle), para a configuração territorial do oásis (p. 61).

O **capítulo 4**, denominado “A população do Vale do Rio Santa Maria/Yocavil”, apresenta uma geografia da população combinada com análises sobre a organização administrativa do território em tela, lançando mão não apenas de dados censitários, como também de ampla espacialização dos fenômenos mediante mapas e imagens de satélite. A

equipe de estudiosos e estudiosas (Adriana Rodríguez, Ana I. Rivas, Exequiel A. Galindez e Paola V. Herrera) apresenta um quadro geográfico peculiar, onde os descendentes de ameríndios da parte montanhosa desciam outrora às planuras canavieiras de Tucumán para trabalho sazonal, algo superado hoje em dia devido à mecanização. Embora essas relações históricas tenham contribuído para a dispersão dos povos das montanhas, a população do vale mantém uma fisionomia muito particular e ligada a seu passado e tradições pré-hispânicas (p. 66). Portanto, ao longo de todo o vale tucumano do Santa Maria/Yocavil persistem significativas identidades indígenas e *crioulas*, conformando uma sociedade rural singular, onde o padrão de ocupação do território reflete adensamentos populacionais pautados pelas redes fluviais daquela bacia hidrográfica, bem como pelo traçado das principais vias (p. 71). Exemplo único de concentração populacional, o povoado urbano de Amaicha del Valle apresenta-se como um oásis fluvial, com a população usando a água disponível para produção agrícola irrigada e consumo familiar (p. 74). O capítulo prossegue num minucioso recenseamento das comunidades de base e seus equipamentos (escolas, centros espirituais, estabelecimentos de saúde etc.), num inestimável registro dessa *sociedade valista* de altitude, com riqueza de mapas, fotografias e gráficos.

Já o **capítulo 5** “Mulheres rurais nos oásis do vale do rio Santa Maria/Yocavil: múltiplas expressões territoriais”, de María J. Ale e Ana I. Rivas, vem preencher uma lacuna importante acerca de estudos baseados na Geografia de Gênero e referentes às mulheres no espaço agrário tucumano – sobretudo em se tratando de ruralidades e populações indígenas. Novamente, o princípio sagrado da *Pachamama* integra a análise, abordando o “ser mulher” dentre um coletivo de habitantes do vale em questão, com atenção para múltiplas expressões na vida comunitária e para estratégias de organização do tempo no cotidiano. Assim, as autoras almejam caracterizar o significado de ser mulher dentre povos indígenas autorreconhecidos, onde a transmissão de práticas, saberes e valores ancestrais é tarefa feminina, tanto nas unidades domésticas, quanto para o conjunto das comunidades (p. 87). As autoras mostram que a mulher valista descendente de povos originários, apesar de permanecerem historicamente invisibilizadas, não apenas participam decisivamente da transmissão intergeracional de tradições e filosofias de vida, como ainda na defesa da terra, do território e dos recursos naturais (p. 91). Ale e Rivas, entretanto, não se limitam a falar das mulheres indígenas, observando com atenção que o oásis tem atraído muitas pessoas pelas suas qualidades ambientais, paisagísticas ou produtivas. Um novo processo de ocupação territorial tem sido reforçado por projetos estatais que buscam incorporar o vale do Santa Maria/Yocavil aos circuitos turísticos do vinho e do

artesanato. Portanto, distinguem grupos femininos de mulheres comunais (assentamentos ancestrais) das mulheres não comunais (as chamadas residentes, de assentamento recente), de modo a apontar que em ambos os coletivos existem diferentes visões de mundo sobre a interpretação da cultura local e a da gestão e uso de recursos naturais que o vale oferece, resultando numa multiplicidade de perfis: ceramistas, tecelãs, agricultoras, benzedeiças etc. Em texto ricamente alicerçado por fotografias autorais e depoimentos das entrevistadas, as autoras revelam que há vínculos positivos entre *comuneras* e *residentes*, ou seja, não perceberam conflitos de interesse entre elas. “Ao contrário, compartilham espaços de intercâmbio cultural e compromisso social para o progresso da sociedade valista” (p. 111-112). Por fim, os grupos femininos estudados mostraram interesse em preservar os recursos naturais locais, incluindo a água, que para elas condiciona a vida nas unidades domésticas, tanto quanto define os limites para irrigação de plantações.

A última parte do livro (**capítulo 6** - Produção agrícola nos oásis fluviais da bacia do rio Santa Maria/Yocavil) é dedicada a um estudo de Geografia Agrária que busca entender de forma ampla a inserção da mão-de-obra dos múltiplos povoados montanos na produção agrícola local e na agroindústria tucumana. Paola V. Herrera, Ana I. Rivas e Exequiel Galíndez destacam dois aspectos: o papel de reserva de força de trabalho dos povos valistas para as planuras do agronegócio, bem como a diversidade do próprio território montanhês: “não se pode falar de um único oásis, mas de vários oásis” (p. 115). Neste capítulo são tratadas características do espaço agrário do vale como um todo, reconhecendo os componentes básicos de sua estrutura produtiva e as singularidades espaciais e produtivas que nele se manifestam, com destaque para a agricultura familiar, o autoconsumo e as estratégias de manejo d’água e irrigação (p. 123). A persistência de atividades produtivas ditas tradicionais é cotejada pelas tendências mais recentes de integração ao mercado, seja através da vitivinicultura ou por meio de alimentos singulares e carregados da cor local, como doces e nozes (p. 128), incluindo uma revalorização da agricultura em terraços, tão relacionada às práticas culturais de povos pré-hispânicos. A produção e processamento de uvas, presente desde princípios do período colonial, recebe grande atenção histórico-geográfica (p. 132-140), uma vez que acabou por ser incorporada às “tradições” dos povos valistas, que produzem o vinho *patero* (artesanal, para consumidores locais), ao lado de produtores mais integrados aos mercados e suas normas. Esboça-se uma “geografia do vinho”, com políticas públicas voltados para o enoturismo e a união das adegas em uma marca, a Vinhos de Tucumán, buscando valorização mediante uma identidade produtiva única. Concluem os autores ressaltando a diversidade

do espaço agrário do Vale (p. 141), onde a agricultura familiar permanece dominante, contribuindo não só com a força de trabalho rural, mas também por seu papel de guardiã de práticas e saberes ancestrais. Entretanto, a criação de itinerários vinícolas e mesmo a citada marca do *terroir* tucumano estariam contribuindo para uma integração espacial inédita do vale com outras regiões produtoras de uva, ampliando sua identidade como área produtora de vinho (p. 142). Como quer que seja, os autores reafirmam que as modernizações no espaço agrário do Santa Maria/Yocavil são evidentes: percebem-se avanços na distribuição e gestão da água para fins produtivos, com amplo uso de técnicas de irrigação em projetos estatais ou privados. Nesse contexto de transformação do território-oásis “a água continua sendo um recurso que não chega a todos os produtores e demanda mais atenção em termos de desenvolvimento territorial” (p. 141). Numa área marcada pela aridez do seu entorno, trata-se de uma questão incontornável, devendo ser resolvida pela combinação de saberes ancestrais e inovações de que só os valistas são capazes.

Produzido pelos autores com profundo esmero cartográfico-imagético e abordando temáticas e narrativas intrínsecas a esses lugares de vida, o livro produz uma visão integral dos territórios-oásis de Tucumán, encravados nessa peculiar província argentina conhecida como “*la cuna de la independencia*” e pulmão histórico-cultural do país. Mesmo sendo a menor dentre as áreas territoriais nacionais, concentra uma diversidade socio-paisagística que possibilitou aos pesquisadores analisarem um universo de sujeitos e atores tecendo a teia da vida que entrelaçam caminhos do vale do Santa Maria/Yocavil. Desse modo, torna-se uma leitura fundamental para as Geografias decoloniais, que ainda buscam e almejam maiores integrações e interconhecimento entre seus povos. A obra, além do mais, contribui para promover a gestão sustentável do meio ambiente e apoiar políticas públicas de proteção da terra nesses ecossistemas, junto às populações que ali habitam há mais ou menos tempo. Destaca-se o papel da coordenadora da publicação, profa. Ana Isabel Rivas, nossa parceira de longa data, coautora de 5 dos 6 estudos do livro, tendo realizado importante papel para a conjunção das atividades de investigação no território entre as equipes acadêmicas de Tucumán e as ações técnicas a cargo do MDP (*Ministerio de Desarrollo Productivo*), exercendo uma Geografia de relevante contribuição científica, como também engajada ativamente no planejamento da região em que se insere a universidade. Um exemplo a ser seguido pelos vizinhos na Argentina e América Latina.

Caio Augusto Amorim Maciel